

Compreendendo a dialética na aproximação com o fenômeno saúde-doença¹

Emiko Yoshikawa Egry²

1. Introdução

Etimologicamente, dialética vem do grego "*dia*", que expressa a idéia de "dualidade", "troca", e "*lektikós*", "apto à palavra", "capaz de falar". É a mesma raiz de "*logos*" (palavra, razão), e portanto se assemelha ao conceito de diálogo. No diálogo, há mais de uma opinião, há dualidade de razões. A dialética tomou vários sentidos ao longo da história. Esse texto trata da dialética como aparece no século XIX, no pensamento alemão, inicialmente na obra de Hegel e depois na de Karl Marx e Friedrich Engels.

A dialética é, ao mesmo tempo, um método e uma filosofia, e portanto, é preciso relacioná-la com as noções de idealismo e de materialismo para, em seguida, estabelecer as diferenças entre o materialismo mecanicista e o materialismo dialético.

A lógica de Aristóteles (384-322 a.C.), filósofo grego, baseia-se nos princípios de identidade e de não-contradição, fundamentais para a concepção metafísica do mundo, típica da filosofia antiga. Enquanto a metafísica utiliza noções abstratas e absolutas, explicando a realidade estática a partir de suas essências imutáveis, a lógica dialética parte do princípio de contradição, segundo o qual, a realidade é essencialmente processo, mudança, devir.

O que teria determinado a passagem da concepção de um mundo estático - que podia ser explicado apenas pelo movimento local e, cujo modelo por excelência é o relógio - para uma nova concepção dinâmica?

A partir do século XVIII, três grandes descobertas científicas contribuíram para isso:

. *a descoberta da célula* - todos os órgãos animais e vegetais, sendo constituído por células, têm uma unidade estrutural que se torna cada vez mais complexa.

. *a descoberta da lei da conservação e transformação da energia* (calor, eletricidade, magnetismo, energia química etc.) - a energia não pode ser criada nem destruída, mas sim convertida e transformada de uma forma em outra. Por exemplo, a energia mecânica é transformada em calor pelo choque e atrito; o calor das caldeiras é transformado em energia mecânica.

. *a evolução das espécies* - a teoria de Darwin a respeito da origem das espécies vegetais e animais, segundo a qual os seres vivos aparecem como consequência do desenvolvimento e transformação da matéria através dos tempos.

Essas descobertas revelam que no mundo tudo se transforma, tudo muda, inclusive a história. Os homens estão constantemente inventando novos instrumentos

¹ Bibliografia: Egry EY. Compreendendo a dialética na aproximação com o fenômeno saúde-doença. In: Egry EY, Cubas MR. O trabalho da enfermagem em saúde coletiva no cenário Cipesec: guia para pesquisadores. Curitiba, ABEn-EEUSP, 2006. p. 63-84.

² Enfermeira. Professora Titular do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da USP.

de trabalho, mudam a ordem social, a si mesmos. O velho é sempre substituído pelo novo e, cada coisa, ao nascer, já tem em si o germe da destruição. Portanto, não há coisas acabadas, mas um complexo de processos onde tudo só é estável na aparência.

2. Características da dialética

Para Engels, a "dialética é a ciência das leis gerais do movimento, tanto do humano externo, quanto do pensamento humano." Na acepção moderna, a dialética significa o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação. (KONDER, 1984:8)

A dialética é a estrutura contraditória do real, que no seu movimento constitutivo passa por três fases: a *tese*, a *antítese* e a *síntese*. Ou seja, o movimento da realidade se explica pelo antagonismo entre o momento da tese e o da antítese, cuja contradição deve ser superada pela síntese.

Os três momentos podem ser assim configurados:

- . **identidade**: tese
- . **contradição ou negação**: antítese
- . **positividade ou negação da negação**: síntese.

O processo (a superação dialética), ou o movimento da realidade tem o sentido de "suprimir", "negar", mas também tem o sentido de "conservar". A esses sentidos acresceu-se um terceiro o de "elevar a um nível superior". Os exemplos a seguir podem expressar melhor:

1. Quando um homem está esculpindo uma estátua de madeira, ele se encontra diante de uma matéria-prima, a madeira, que depois é *negada*, isto é, destruída na sua forma natural. Mas, ao mesmo tempo ela é *conservada*, pois a madeira continuará existindo como matéria, só que modificada, *elevada* a um objeto qualitativamente diferente, uma forma criada. Portanto, o trabalho nega a natureza, mas não a destrói. Antes, a recria.
2. Da mesma forma, quando enterramos um grão de milho, ele desaparece enquanto grão de milho (negação do grão de milho) para que a planta surja como pé-de-milho; ao crescer e produzir a espiga de milho, o pé morre e permanecem outros grãos de milho. Esse processo não é sempre idêntico, pois podem surgir alterações na planta que resultam no aparecimento de novas espécies (evolução das espécies).

De acordo com a concepção da dialética, a passagem do ser ao não-ser não é mero aniquilamento, morte pura e simples, mas é um movimento para outra realidade. A contradição faz com que o suprimido se transforme.

Além da contraditoriedade dinâmica do real, outra categoria fundamental para se entender a dialética é a da *totalidade*.

Para a dialética marxista, o conhecimento é totalizante e a atividade humana, em geral, é um processo de totalização. O que significa isto?

Qualquer objeto que o homem possa perceber ou criar é parte de um todo. Em cada ação empreendida, o ser humano se defronta, inevitavelmente, com problemas interligados. Por isso, para encaminhar uma solução para os problemas, o ser humano

precisa ter uma visão do conjunto deles: é a partir da visão do conjunto que a pode ser avaliada a dimensão de cada elemento do quadro.

A totalidade significa que as coisas estão em constante relação recíproca, e nenhum fenômeno da natureza ou do pensamento pode ser compreendida isoladamente, fora dos fenômenos que o rodeiam. Os fatos não são átomos, mas pertencem ao todo dialético e como tal fazem parte de uma estrutura.

A totalidade-parte, considerada como objeto do conhecimento, por exemplo, deve ser sempre relacionada com as demais partes e com a totalidade imediatamente superior e com a imediatamente inferior.

Acresce-se a isso a explicação de Kosik sobre a totalidade concreta: "um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como momento de um determinado todo que desempenha uma dupla ação de definir a si mesmo, e definir o todo; ser ao mesmo tempo produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo determinado; ser revelador e ao mesmo tempo decifrar-se a si mesmo; conquistar o próprio significado autêntico e ao mesmo tempo conferir um sentido a algo mais. Esta recíproca conexão e mediação da parte e do todo significa, a um só tempo: os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade. Do mesmo modo, o todo de que não foram diferenciados e determinados os momentos é um todo abstrato e vazio" (KOSIK, 1976 apud ALMEIDA, 1985:85)

Sem a visão do conjunto, a verdade pode ficar limitada. Exemplo disso pode ser observado no seguinte caso:

"Alguém observa que o capitalista X é um homem generoso, progressista, sinceramente preocupado com os seus operários. Essa observação pode ser correta. No entanto, é necessário entendê-la dentro de seus limites, para não se perder de vista o fato de que ela pode ser usada para pretender invalidar outra observação mais abrangente - a de que o sistema capitalista, por sua própria essência, impele os capitalistas, em geral, quaisquer que sejam as qualidades humanas deles, a extrair mais-valia do trabalho de seus operários".
(ARANHA; MARTINS, 1994)

3. A dialética marxista

Hegel foi o primeiro a contrapor a lógica dialética à lógica tradicional. Para Hegel, compreender a natureza é representá-la como um processo. No entanto, por ele ser idealista, explica a realidade como constituída pela marcha do pensamento. O Ser é a Idéia que se exterioriza, manifestando-se nas obras que produz, e que se interioriza, voltando para si e reconhecendo sua produção. O movimento de exteriorização e interiorização da idéia se faz por contradições sempre superadas em síntese que, por sua vez, se desdobram em outras contradições (novas teses e antíteses). A dialética encaminhou Hegel para uma nova concepção da história.

Por serem materialistas, ao contrário de Hegel que é idealista, Marx e Engels partem do significado da dialética hegeliana, promovendo uma inversão. Para Marx, o dado primeiro é o mundo material, a contradição surge entre homens reais, em condições históricas e sociais reais. Dessa forma, o mundo material é dialético, isto é, está em constante movimento. Historicamente, as mudanças ocorrem em função das

contradições surgidas a partir dos antagonismos das classes no processo de produção e reprodução social.

As transformações dos modos de produção - escravismo, feudal, capitalista - desenvolvem-se através das contradições (tese versus antítese) sempre superadas (síntese). Para Marx, a história passou a ser compreendida tendo por motor a luta de classes antagônicas (senhor versus escravo; senhor versus servo; burguês versus proletário). Ou seja, da contradição entre o senhor e o servo derivou a síntese do capitalismo que, por sua vez, gerou a contradição entre capitalista e operário cuja síntese, segundo Marx, deveria ser o socialismo.

Engels teve a preocupação de defender o caráter materialista da dialética. Concentrou sua atenção no exame dos princípios e chegou à conclusão de que as leis gerais da dialética (comuns tanto à história humana quanto à natureza) podiam ser reduzidas, no essencial, a três: a lei da interpenetração dos contrários; a lei da passagem da quantidade à qualidade e a lei da negação da negação. (KONDER, 1984:57-8)

AS TRÊS LEIS DA DIALÉTICA

1. Lei da unidade e luta dos contrários:

A dialética considera a contradição como inerente à realidade das coisas. A contradição é a força motriz que provoca o movimento e a transformação. A contradição é o atrito, a luta que surge entre os contrários. Mas os dois pólos são também inseparáveis e a isso chama-se unidade dos contrários pois, mesmo em oposição, estão em relação recíproca. Por estarem em luta, há geração do novo.

"A transformação das coisas só é possível porque no seu próprio interior coexistem forças opostas tendendo simultaneamente à unidade e à oposição. É o que se chama de contradição que é universal, inerente a todas as coisas materiais e espirituais. A contradição é a essência". (GADOTTI, 1983: 26)

Esta lei se manifesta nas ligações mais fundamentais, essenciais entre os aspectos, elementos e propriedades nos objetos ou entre objetos. A contradição é pois resultante da relação entre os pólos contrários e cada um constitui um dos lados dele. A característica fundamental é que um lado inexistente sem que o outro exista" (EGRY, 1989:5).

A contradição principal da sociedade capitalista é existência de duas classes: o proletariado e a burguesia.

Um exemplo simples pode ser visto através de um ovo. Ele já contém em germe a sua negação; nele coexistem duas forças: que ele permaneça ovo e que ele venha a ser pinto.

2. Lei da passagem da quantidade à qualidade.

Esta lei se refere ao fato de que ao mudarem, as coisas não mudam sempre no mesmo ritmo. O processo de transformação por meio do qual elas existem passa por períodos lentos (nos quais se sucedem pequenas alterações quantitativas) e por períodos de aceleração

O processo de transformação das coisas se faz por "saltos": mudanças mínimas

de quantidade vão se acrescentando e provocam, em um determinado momento, uma mudança qualitativa: o ser passa a ser o outro. Esta lei explora o caráter e as formas do processo de desenvolvimento, permitindo revelar as vias de aparecimento do novo e a substituição do velho pelo novo. "Todos os fenômenos têm características que se determinam quantitativamente e propriedades decorrentes do conjunto dessas características que revelam seu caráter qualitativo (qualidade como sendo propriedade essencial do sistema material). Todos os sistemas materiais também possuem determinações quantitativas (grandeza, volume, peso, intensidade, ordenação estrutural) e assim, a qualidade existe sempre em inseparável unidade com a quantidade. As transformações existem primeiro na quantidade (evolução) e preparam para as transformações qualitativas (salto qualitativo)". (CASTELLANOS, 1987)

O exemplo clássico é o da água esquentando: ao alcançar 100o C, deixa o estado líquido e passa a ser gasoso. Para isto, entanto, foi preciso que grau a grau as moléculas de água fossem se movimentando e expandindo seu espaço para que ao chegar a 100o C, a água em estado líquido se evapore.

Lênin define o salto qualitativo como a passagem da velha qualidade para a nova, como ponto crítico do desenvolvimento.

Esta lei é ilustrada pelo exemplo do calor das caldeiras que se transforma em movimento mecânico e vice-versa. A química é por excelência a ciência das mudanças: por exemplo, para formar uma molécula, se unirem três átomos em vez de dois, temos o ozônio e não o oxigênio.

Na biologia, segundo a teoria evolucionista de Darwin, as alterações acumuladas levam à formação de uma nova espécie. Na história das sociedades humanas, as ações dos indivíduos vão se somando até o ponto de ruptura em que a velha ordem é substituída pela nova ordem. Daí a diferença entre evolução e revolução: a primeira é quantitativa, a segunda é qualitativa.

3. Lei da negação da negação.

Da interação das forças contraditórias, em que uma nega a outra, deriva um terceiro momento: a negação da negação, ou seja, a síntese, que é o surgimento do novo. Esta lei explica que cada qualidade nega a anterior. Ao negar e superar os aspectos da realidade objetiva anterior com a obtenção de uma nova qualidade, a qualidade anterior é negada, mas não "aniquilada", porque não desaparece sem deixar marcas; pelo contrário nesta negação preserva-se o resultado positivo anterior, no desenvolvimento subsequente (HAHN & KOSING, 1983; FONSECA, 1990)

Esta lei, portanto, dá conta de que o movimento geral da realidade faz sentido, quer dizer, não é absurdo, não se esgota em contradições irracionais, ininteligíveis, nem se perde na eterna repetição do conflito entre teses e antíteses, entre afirmações e negações. A afirmação engendra necessariamente a sua negação, porém a negação não prevalece como tal: tanto a afirmação como a negação são superadas e o que acaba por prevalecer é uma síntese, que é a *negação da negação*. Muito bem formuladas por Engels, as três leis da dialética, chamada como as leis fundamentais da dialética, não dão conta de outras conexões existentes nos fenômenos. As leis secundárias da dialética, elucidam melhor as concatenações mais "finas" que há entre e dentro dos fenômenos. O fenômeno deve ser aqui compreendido na perspectiva de realidade objetiva, isto é toda a matéria, existente mesmo fora da consciência humana.

O princípio de união dos contrários abrange as totalidades parciais e as

totalidades fundamentais. Isto significa perceber que existe uma relação dialética :

- a) *entre a aparência e a essência* no dado fenômeno e entre as leis e o fenômeno. Isso significa que a realidade indica a essência, ao mesmo tempo, a esconde. As manifestações do fenômeno, ou seja a sua aparência, portanto, dão pistas para a descoberta da essência. Sem a primeira (aparência) não seria possível alcançar a segunda (essência).
- b) *entre o singular e o universal e entre o particular e o geral*. O geral e o universal só se realizam nas totalidades parciais. O método dialético é que vai buscar, nas determinações particulares, o nexo explicativo das totalidades concretas.
- c) *entre a base material e a consciência*. Na sociedade, existe correlação entre o modo de produção, as estruturas de classe e as maneiras de pensar. A dependência do movimento de consciência social, em relação às modificações na base econômica-social, não é unilateral. De acordo com Goldman "basta estudar seriamente a realidade humana para sempre encontrar o pensamento, caso se tenha partido de seu aspecto material; e os fatos econômicos, caso se tenha começado da história das idéias. Para o pensador dialético, as doutrinas fazem parte integrante do fato social estudado e não podem ser separadas a não ser por uma abstração provisória: seu estudo é indispensável para a análise do problema. Da mesma forma, a compreensão da realidade social e histórica constitui um dos elementos mais importantes quando se visa a compreender a vida espiritual de uma época". (GOLDMAN, apud MINAYO, 1992:73).
- d) *entre a teoria e a prática*. Existe sempre uma interligação entre a teoria e a prática. No marxismo a categoria básica de análise da sociedade é o modo de produção historicamente determinado. O modo de produção, por sua vez é o conjunto das forças produtivas e das relações sociais de produção. A categoria mediadora das relações sociais de produção é o trabalho, isto é, a atividade prática. "O trabalho constitui um aspecto particular da ordem cultural mas tem valor de determinação dessa ordem: é através do trabalho que o reino da cultura se sobrepõe ao reino da natureza" (Marx, 1984:15 apud MINAYO, 1992:73). "É na praxis, na perspectiva dialética, que se dá a emancipação subjetiva e objetiva do homem e a destruição da opressão enquanto estrutura e transformação da consciência. Noutras palavras a transformação de nossas idéias sobre a realidade e a transformação da realidade caminham juntas". (MINAYO, 1992:73)
- e) *entre o objetivo e o subjetivo*. A dialética marxiana considera parte da mesma totalidade o objeto e o sujeito. Lukács, filósofo húngaro deste século e filiado à Escola de Budapeste, critica a fenomenologia que coloca o subjetivo quase como o absoluto. Comenta que ela mitifica o mundo das sensações como se ele fosse objetivo e pudesse proclamar a existência independente da consciência. Critica o método fenomenológico que pretende partir dos dados imediatos da experiência vivida sem analisar sua estrutura e condições. (LUKÁCS, 1967:67-70 apud MINAYO, 1992:74)

4. Diferenças entre a lógica formal e a lógica dialética

A lógica, do grego logos, significa "palavra", "expressão", "pensamento", "conceito", "discurso", "razão". A lógica que se ocupa da razão e do pensamento investiga a validade dos argumentos e dá regras do pensamento correto. A lógica, é portanto, uma disciplina propedêutica, é o vestíbulo da filosofia, ou seja a ante-sala, o

instrumento que permite o caminhar rigoroso do filósofo ou cientista.

Aristóteles subdividiu a lógica em lógica formal e lógica material:

- *lógica formal* (ou menor), estabelece a forma correta das operações do pensamento. Se as regras forem aplicadas adequadamente, o raciocínio é considerado válido ou correto.
- *lógica material* (ou maior), parte da lógica que trata da aplicação das operações do pensamento segundo a matéria ou natureza dos objetos a conhecer.

Enquanto a lógica formal se preocupa com a natureza do pensamento, a lógica material investiga a adequação do raciocínio à realidade. É também chamada metodologia e, como tal, procura o método próprio a cada ciência.

A lógica dialética não faz desaparecer a lógica formal. Esta continua existindo no âmbito restrito das correlações imediatas que partem da observação direta dos fatos ou quando atingimos as leis do método experimental. Então explicamos o mundo pela causalidade linear, característica do mundo mecânico típico da ciência clássica.

A lógica formal se torna insuficiente quando é preciso passar para um grau superior de generalidade, onde existem as categorias de totalidade e de relações recíprocas. Com o progresso da física, o pensamento científico se volta para os fenômenos relacionados com a estrutura íntima da matéria, os quais não mais são explicados pelas relações clássicas de causalidade formal. O mesmo ocorre com os fenômenos de outras ciências que introduzem a idéia de processo. É aí exatamente que a lógica formal se torna insuficiente devendo ser substituída.

Entretanto, em outro aspecto, a lógica formal continua sendo válida: enquanto a produção da idéia é dialética, sua expressão é sempre formal.

"O que é pensado dialeticamente tem que ser dito formalmente, pois se acha subordinado às categorias da linguagem, que são formadas por força de sua constituição social de sua função como instrumento criado pelo homem para a comunicação com os semelhantes".
(VIEIRA PINTO apud ARANHA, 1994:91)

5. Os limites da dialética.

Privilegiar um saber teórico que é a negação dialética pode levar à dogmatização das leis da dialética. Se a relação teoria e prática, enquanto práxis, é uma relação dialética, a teoria não pode se constituir separadamente da prática que lhe dá o conteúdo para pensar e vice-versa. Nesse erro incorreram muitos políticos, principalmente soviéticos que petrificaram a teoria, ao invés de buscar, na concretude da existência da sociedade, a base para as superações sucessivas das contradições. A citação de um trecho da obra de Garaudy (*Perspectivas do homem*) ilustra tal limite:

"Na realidade, não se pode fixar de uma vez por todas, um sistema fechado de leis dialéticas à maneira das formas lógicas de Aristóteles ou de Santo Tomás, das categorias de Kant ou da lógica de Hegel. O método e os princípios do marxismo exigem que estudem as leis da dialética, não como as formas imutáveis de uma razão absoluta, mas como um balanço, para cada grande período histórico, das vitórias da racionalidade. A dialética não é nem uma razão constituinte transcendente à história que ela informa, nem uma razão constituída, esclerosada e coagulada numa etapa de seu desenvolvimento, nem

uma simples hipótese de trabalho que se abandona do mesmo modo como foi escolhida, simplesmente por sua comodidade, mas sim o produto de uma epigênese (teoria da transformação dos seres por gerações graduais) histórica: cada etapa de seu desenvolvimento consolida o adquirido no momento mesmo em que é superado. É o arcabouço de uma história que se está fazendo." (GARAUDY, 1968 apud ARANHA, 1994:91)

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H.P. *Filosofando*: introdução à filosofia. São Paulo, Moderna, 1994. 395p.
- ALMEIDA, M.C.P. de O materialismo histórico na pesquisa em enfermagem. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 4, São Paulo, 1985. *Anais*. Associação Brasileira de Enfermagem, Brasília, 1985. p.83-89
- CASTELLANOS, B.E.P. *O trabalho do enfermeiro - a procura e o encontro de um caminho para seu estudo*: da abordagem mecânico-funcionalista à pesquisa emancipatória. São Paulo, 1987. 395p. Tese (Doutorado) Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- CHEPTULIN, A. *A dialética materialista*: categorias e leis da dialética. São Paulo, Alfa-Omega, 1982. 354p.
- CURY, C.R.J. *Educação e contradição*. São Paulo, Cortez, 1989. 134p.
- DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo, Atlas, 1985. 255 p.
- EGRY, E.Y. *Elementos teórico-metodológicos para a intervenção prática da enfermagem em saúde coletiva*. São Paulo, 1994. 205p. Tese (Livre Docência). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.
- FONSECA, R.M.G.S. da *Mulher, reprodução biológica e classe social*. Estudo dialético do perfil reprodutivo biológico de mulheres clientes de Unidades Básicas de Saúde. São Paulo, 1990. 336p. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo
- HAHN, E.; KOSING, A. *A filosofia marxista-leninista*: curso básico. Lisboa, Avante, 1983. 260p.
- KONDER, L. *O que é dialética?* 9ed. São Paulo, Brasiliense, 1984. 87p.
- MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, HUCITEC-ABRASCO, 1992. 209 p.

EXERCÍCIOS

Leia com atenção as seguintes situações, aponte os trechos onde aparecem as três leis fundamentais da dialética, justificando os achados:

1. JOSÉ MARIANO DA SILVA, de 26 anos, é trabalhador de uma empresa terceirizada de limpeza de córrego. Está há um ano neste emprego, com registro em sua carteira profissional, percebendo, por 44 horas de trabalho semanais, o equivalente a 1,5 salários mínimos por mês. Mora numa casa de 3 cômodos (cozinha, banheiro e quarto) com sua esposa, que está grávida de seu primeiro filho. Cleusa, sua esposa, faxineira de residência particular não está trabalhando no momento por estar continuamente cansada e não "dar conta" do serviço. Ela está no oitavo mês de gestação. A casa de José dista cerca de 12 km do córrego que usualmente limpa e, por não existir condução direta de sua casa até o local de seu trabalho, José costuma ir e voltar do emprego utilizando 3 conduções diariamente, o que lhe consome cerca de 1 hora e cinquenta minutos por viagem.

Certa segunda-feira, pela manhã, José saiu apressadamente de sua casa em direção ao trabalho, sem ao menos tomar seu café da manhã, que usualmente costumava ser pão com margarina e um copo de água.

Ao chegar no trabalho, imediatamente iniciou suas atividades, pois como havia engarrafamento de tráfego, não conseguiu comer alguma coisa antes. Cerca de 10 horas da manhã, o sol a pino, ele estava no meio do córrego junto com um companheiro de trabalho equilibrando na improvisada "barca", quando subitamente começou a sentir tonturas. Tentou em vão se apoiar à vara de limpeza e acabou caindo dentro do córrego.

Seu companheiro imediatamente gritou por socorro ao pessoal que estava na margem e ato contínuo esticou a vara de limpeza ao José, que neste momento se debatia dentro da água turva e suja. Com a ajuda de outros companheiros que logo esticaram uma corda conseguiram, enfim retirar o José daquelas águas sujas. Estiraram o José na margem, que permaneceu "desmaiado" até que alguém se lembrou de virá-lo de lado batendo-lhe em suas costas. José expeliu água e começou a respirar melhor, tossindo primeiro, e em seguida, começou a voltar à sua cor, que antes estava acinzentado.

Assim que o José recobrou a consciência, o supervisor do trabalho mandou que fosse para casa dizendo para voltar no dia seguinte ao trabalho. O apelo dos companheiros de trabalho sobre a necessidade de encaminhá-lo ao serviço médico para outras providências tais como a de verificar a ferida que tinha sido aberta na tentativa de tirá-lo da água, ou outras relativas à ingestão da água contaminada, foi em vão. José foi para casa sem nenhuma atenção maior, do que a de seus companheiros. Semanas mais tarde, ele foi internado em hospital por apresentar sintomas e sinais de cólera. Ficou internado por três semanas. Nesse ínterim, sua situação foi considerada "abandono de emprego" e ele foi demitido.

2. CAROLINA VAZ GONÇALVEZ é estudante do segundo ano Curso de Graduação em Enfermagem da USP. Tem 22 anos, é solteira e reside na casa de uma tia solteira e idosa, porque seus pais moram numa cidade do interior de São Paulo, distante cerca de 250 km da capital. Está grávida de 3 meses e seu namorado está "pensando" em assumir a paternidade. O pai de Carolina é funcionário público e a mãe é dona de casa. É a mais velha dentre 3 filhos do casal. Eles não sabem a respeito da gravidez da filha.

Como de hábito, sábado passado ela foi ao CEPEUSP para ler alguns textos didáticos e, ao mesmo tempo, aproveitar para praticar natação, seu esporte favorito. Ao chegar, dirigiu-se à piscina carregando uma sacola cheia de livros e lanche. Distraída, lendo o livro, andou em direção à borda da piscina e não reparou que havia um copo quebrado no chão. Ao pisar, imediatamente sentiu uma dor aguda e viu o sangue escorrendo do seu calcanhar. Desequilíbrio-se e caiu na água. Assustada, mesmo sabendo nadar bem, começou a se debater na água e tentar gritar por socorro. A água ficou tinta de sangue. As pessoas que estavam perto socorreram imediatamente, retirando-a da piscina. Mesmo assim, ela ficou estirada à borda semiconsciente. Alguém que estava no local, prontamente fez manobras para retirada de água dos pulmões e iniciou a respiração boca-a-boca. Carolina tossiu, expeliu água e reiniciou a respirar melhor. O corte extenso e profundo do calcanhar foi cuidado com manobras de compressão para estancamento e foi provisoriamente enfaixada com atadura.

Foi orientada e acompanhada ao serviço de pronto atendimento do Hospital Universitário que, prontamente, lhe atendeu não somente com os cuidados imediatos, mas também procedeu a medidas profiláticas por conta do corte. Quando tudo parecia voltar ao normal, Carolina começou a se queixar de dores no baixo ventre e percebeu que estava tendo sangramento vaginal.

Horas depois, internada na unidade de emergência ela teve um aborto, que necessitou curetagem sob anestesia geral. No dia seguinte, voltou para casa de sua tia e mesmo sentindo-se bem fisicamente, notou um estranho sentimento de "vazio" por dentro. O namorado, pai da criança, foi visitá-la: perguntou tudo sobre o "quase" afogamento e o corte no calcanhar. Não pronunciou uma palavra sequer a respeito do aborto. As pessoas de seu convívio repararam que ela ficou calada, desde então.